

FOTOS: LUIZ MARCOS



Osório Adriano disse que deseja ver Brasília como a capital do Terceiro Milênio e com grandes mudanças

# Debate hoje será sobre tendência da economia



**FÓRUM  
ECONÔMICO  
DE BRASÍLIA**

O ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Antônio de Barros Castro, será um dos conferencistas de hoje do Fórum Econômico de Brasília. Barros Castro falará sobre o tema "A Nova Economia Mundial — megatendências", participando em seguida de uma mesa-redonda a respeito.

A mesa-redonda com Antônio de Barros Castro contará, com as

presenças do professor Valmir Resende, do departamento de economia da Universidade de Brasília; do secretário-geral da Força Sindical, Emílio de Moura Simões; e do jornalista e comentarista econômico do jornal *Folha de S. Paulo*, Luís Nassif. A presidência da mesa estará a cargo do ex-reitor da UnB, professor Antonio Ibanez Ruiz.

À tarde a mesa-resposta discutirá o tema "As Exigências para a Transformação de Brasília na Capital do Terceiro Milênio", que terá como conferencista o deputado federal e empresário Osório

Adriano. Para os debates em torno do assunto estão previstas as presenças do secretário do Trabalho do Distrito Federal, José Renato Riella; do arquiteto e urbanista Paulo Zimbres; e do membro do departamento de sociologia da UnB, Elmar Pinheiro do Nascimento. O reitor da Universidade da Paz, Pierre Weill, estará presidindo os trabalhos da Mesa.

O Fórum Econômico de Brasília no auditório do **CORREIO BRAZILIENSE**, tem seu encerramento previsto para as 18h. Além do **CORREIO**, o encontro contou com o apoio do Grupo Osório Adriano.

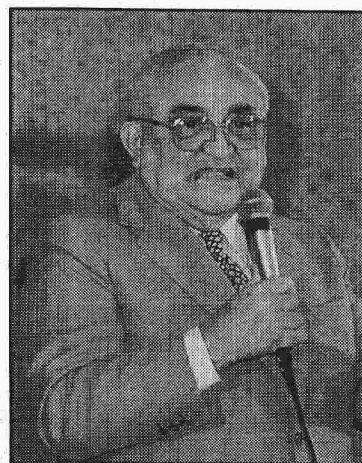
## Palavras de abertura

"Quando há alguns meses fui procurado pelo deputado Osório Adriano Filho e por seu filho Osório Adriano Neto, que é o executivo principal do Grupo Brasal, no sentido de que examinasse a possibilidade de patrocinar esse fórum, minutos depois eu dava a concordância do **CORREIO BRAZILIENSE** e não só a concordância. Aplaudia a ideia, acatava a sugestão e com entusiasmo assegurei desde logo a participação do **CORREIO BRAZILIENSE** e todos os veículos que compõem o nosso complexo de comunicação no Distrito Federal.

Sinto-me muito bem ao abrir estes trabalhos com uma pequena saudação de boas-vindas porque o nosso jornal, todos sabem disso, nasceu com Brasília, foi o primeiro grande instrumento de que dispôs essa cidade ao lado da TV Brasília, que também foi ao ar no dia da inauguração da nova capital. O **CORREIO BRAZILIENSE** tem por obrigação, em virtude mesmo desta sua origem histórica circulando na data em que Juscelino Kubitschek realizava o seu grande sonho inaugurando Brasília, de acompanhar todos os problemas que interessam ao desenvolvimento presente e à consolidação futura da capital da República.

Quando eu falo em consolidação não é que tenha em mente dizer que a grande capital administrativa do País já não se consolidou. Eu acho que sim, politicamente, administrativamente, ainda que com erros graves nessas duas áreas que certamente serão corrigidos depois destes momentos perigosos que nós estamos vivendo. Brasília precisa ter a sua consolidação econômica e este é o centro dos debates do fórum que agora se vai iniciar.

Sinto-me também muito feliz porque o presidente do Grupo Brasal é um pioneiro autêntico de Brasília. Lendo um pouco da sua vida de empresário e de profissional da engenharia, quero lembrar a todos que o jovem formando em engenharia que foi concluir o seu curso em Miami deixou as facilidades que poderia encontrar nos Estados Unidos para vir aqui para o planalto central enfrentar a poeira do enorme canteiro de obras em que se transformou a futura capital da República. Ele já teve oportunidade de recordar comigo em numerosas



Paulo Cabral

conversas pessoais o seu trabalho ao chegar a Brasília, as dificuldades que teve de superar. Mas este mineiro de Uberaba trazia em mente construir um grupo econômico na futura capital da República e o conseguiu de maneira louvável, e o conseguiu de maneira brilhante. Hoje o Grupo Brasal pelas estatísticas publicadas já é o duocentésimo vigésimo segundo grupo empresarial brasileiro, reúne 19 empresas, se eu não estou enganado, se a memória não me falha, e tem grandes planos a sua frente para desenvolver as suas atividades, visando a principalmente, dar a Brasília um alto nível de desenvolvimento econômico.

Há um outro pioneiro que preside esta solenidade que é o governador Joaquim Roriz. Este é um outro motivo de satisfação para o **CORREIO BRAZILIENSE** que co-patrocinava este fórum.

Também já ouvi do meu amigo governador Joaquim Roriz as suas histórias dos duros tempos da construção da capital da República quando ele comandava um grupo de caminhões trazendo areia para ajudar a construção de todos os prédios que naquela época se levantavam para depois transformar Brasília na grande metrópole que ela é. E, além disso, pioneiro muito mais ainda porque sua família era a proprietária desta área onde Brasília está implantada. Lembro-me de que numa solenidade recente, num jantar comemorativo a que estava presente o sogro do nosso governador, ele contou uma história muito

curiosa. E que o sogro chegou para ele depois que estava já consolidado o casamento do governador Joaquim Roriz com essa admirável dama que é dona Weslian, o sogro se aproxima dele e diz: "Felizmente, Joaquim, encontrei um feitor pra minha fazenda". Pois bem, foi aquela fazenda que inspirou também o governador Joaquim Roriz a deixar em grande parte a sua atividade de empresário, embora não a tenha abandonado, mas de tirá-la das áreas urbanas e concentrá-la muito mais nas áreas rurais por uma vocação familiar. Foi aquele tempo também heróico que fez com que o governador depois viesse a se dedicar à vida pública e viesse a conquistar o Governo do Distrito Federal.

Estou, portanto, duplamente satisfeito por ter aqui pioneiros de Brasília e por ser o **CORREIO BRAZILIENSE** pioneiro de Brasília e do Brasil em termos de imprensa porque este jornal, talvez alguns não estejam lembrados, foi fundado em Londres em 1808, sendo portanto o primeiro jornal com o timbre das armas do Brasil a circular, embora clandestinamente, no Rio de Janeiro. Hoje quando vejo o **CORREIO BRAZILIENSE** modernizado gráfica e editorialmente, quando vejo o **CORREIO BRAZILIENSE** abrindo seu auditório para debates de problemas tão importantes para Brasília e para o Brasil, eu pessoalmente me sinto orgulhoso porque estou aqui à frente de uma equipe de alto preparo profissional, equipe que se tem dedicado à modernização do jornal, visando sempre o nome e o prestígio de Brasília.

Portanto, dou as boas-vindas aos participantes deste fórum patrocinado pelo grupo Osório Adriano e pelo **CORREIO BRAZILIENSE**. Desejo dizer que esta casa, o **CORREIO BRAZILIENSE** sob a inspiração do nosso grande fundador Assis Chateaubriand terá sempre o prazer, o orgulho e a honra de sediar no seu auditório, que tem o nome do fundador do jornal, Hipólito José da Costa, eventos da importância como esse que agora se inicia, que não trazem apenas esses eventos uma visão de presente, mas trazem principalmente uma grande perspectiva de futuro. As boas-vindas a todos".

## "Brasília é irreversível"

"Este seminário, que tem Brasília — sua identidade e destino econômico — como tema central de seus debates, vem em momento dos mais oportunos. Como se sabe, há uma mórbida e cíclica patologia, em alguns setores formadores de opinião em nosso País, que pretende atribuir à nossa capital federal a responsabilidade pelas eventuais mazelas e insucessos de nossa vida pública.

Tornou-se hábito irrefletido, em alguns setores, acusar Brasília pela existência de inflação, corrupção, incompetência administrativa e outras adversidades, presentes hoje (como ontem) na vida pública brasileira, fazendo crer aos menos informados que tudo isso deriva simplesmente da transferência da capital para o centro do País.

Dispensamo-nos de comentar tais absurdos. Constatamos, no entanto, que, apesar dos mais de 30 anos de fundação de nossa capital e dos benefícios indiscutíveis que daí advieram (e advêm) para o País, há ainda quem sonhe com o retorno ao status quo anterior a Juscelino Kubitschek.

Nossa resposta é a própria realidade pujante e irreversível que é Brasília, hoje muito mais que simplesmente a sede administrativa dos Poderes da República. Por trás da Brasília oficial, há outra, pulsante, que se expande em ritmo febril de trabalho, a descer da crise e a desafiar previsões e pessimismos de quem quer que seja.

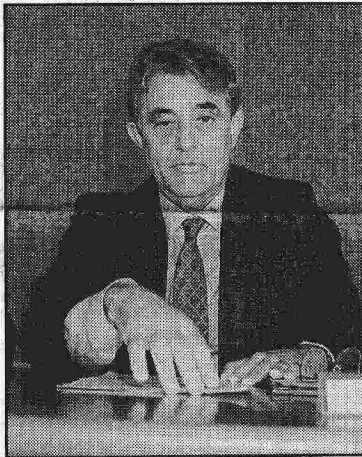
Em três décadas de existência, nossa cidade abriga uma população que Rio e São Paulo, os dois maiores centros brasileiros, levaram quatro séculos para atingir. É a maior renda per capita do País, superior mesmo à do estado de São Paulo, representando hoje 2,6 por cento do PIB.

A majestade de seu traçado urbano a transformou pela Unesco em Patrimônio da Humanidade. A mesma Unesco também a distinguiu, há pouco, colocando em seu território a primeira reserva de biosfera do Cerrado. A transferência da Capital, sonho dos heróis da Independência e obra de JK e um punhado de idealistas, vem permitindo a interiorização do desenvolvimento e a ocupação efetiva do território nacional.

Nestas três décadas, Brasília passou por várias mutações, tornando-se esta realidade econômica e social irreversível que é hoje. Inicialmente projetada para possuir 500 mil habitantes no ano 2000, já triplicou essa marca. E o que é mais importante: já dispõe de uma densa massa de habitantes aqui nascidos. Nada menos que 41 por cento de sua população são de nativos, o que é absolutamente expressivo, dada a sua juventude como cidade.

Isso mostra que os que para aqui vêm não desejam mais sair. E essa é a prova mais eloquente da viabilidade da cidade, de seu sucesso como empreendimento urbanístico e social.

Esse sucesso fez supor que a cidade acabaria tragada pela explosão demográfica e inviabilizada em sua destinação fundamen-



Joaquim Roriz

tal, de capital da república. Felizmente, tal não se deu e Brasília salvou-se dessa hipótese infernal. O peso das migrações no crescimento demográfico de nossa cidade é cada vez menor, como o demonstrou o último censo do IBGE. Segundo dados da Codeplan, o Distrito Federal se estabelecerá, no ano 2010, em torno de 2 milhões e 300 mil habitantes, com um razoável contingente de idosos.

Terá, então, definido seu processo de ocupação e integração territorial: um modelo polinucleado de desenvolvimento urbano, com uma espinha dorsal de articulação no sentido norte-sul, representado pelo metrô.

Os serviços urbanos essenciais foram providos pelo Governo do Distrito Federal num volume considerado invejável para os padrões latino-americanos. E a expansão empresarial assegurou uma inédita e surpreendente desestatização da vida comunitária na cidade.

Hoje, de acordo com a Pesquisa de Emprego e Desemprego da Codeplan — e conforme seu Núcleo de Contas Regionais — o setor privado já contribui com mais de 50 por cento da renda e empregos gerados na economia brasiliense.

Esses dados, certamente, não são levados em conta ou sequer são do conhecimento dos que vêem Brasília apenas como um estuário da burocracia federal. Somos isto sim — e com muita honra —, mas somos bem mais que isso. É aqui que a cultura da desestatização exibe maiores progressos. E é aqui que se afirma uma visão renovada dos valores éticos e morais que devem nortear o Brasil. O nível de politização da cidade é dos mais altos de todo o País, o que a coloca na vanguarda dos movimentos de consolidação da cidadania.

Nem tudo, porém, são flores. Apesar de todos os indicadores favoráveis, persistem problemas, dúvidas e desafios ao desenvolvimento de Brasília. Déficit Fiscal e escassez de empregos para os jovens são os principais. Daí a importância de um debate como este, que reúne algumas das mais qualificadas figuras de nossa comunidade, nos diversos setores incumbidos de pensar e dirigir esta cidade, nas áreas acadêmica, privada e pública.

Se há algo de que Brasília é certamente carente, não há dúvida de que é de reflexão aprofundada sobre seu destino e suas potencialidades. Esta cidade, por sua condição de capital federal, se ocupa prioritariamente dos outros e só secundariamente de si mesma. Primeiro vêm as obrigações com o Brasil — e somente depois as necessidades de Brasília. Esse sacrifício, inerente ao lugar que ocupa, não é reconhecido pelas demais unidades da Federação, que habitualmente insinuam que acontece o oposto.

Seja como for, o dilema fundamental que se apresenta a nós, que pensamos e administramos Brasília, é exatamente este: compatibilizar a condução de Capital da República com a de cidade em busca de expansão e desenvolvimento. Até que ponto é possível atender a uma sem desatender a outra?

Este seminário tem a superior tarefa de esmiuçar esse tema, abordando suas numerosas variáveis e apontando os caminhos que devem ser examinados e seguidos. Brasília já não é uma utopia: tampouco uma ilha da fantasia, como sugerem seus desafetos mal-informados. É uma realidade exuberante, que dá a quem a conhece a certeza de que este é, apesar de todas as dificuldades da hora presente, um País efetivamente viável e extraordinário.

Ao encerrar, prezadas autoridades, eu quero manifestar aqui meu mais veemente apoio a esta iniciativa do grupo Brasal por essa iniciativa. Mas antes de fazer os nossos agradecimentos, eu gostaria de colocar a todos os meus amigos aqui presentes dizer os últimos acontecimentos, o interesse de agredir Brasília e que é um assunto que procuramos abordar neste instante. Faz parte de tentativa de agredir aquele que dirige a capital do País, mas vejo isso como uma forma natural até certo ponto, porque eu recebo a agressão que me angustia e traz a mim uma dor profunda como se o mundo desabasse sobre mim. Mas eu devo lhes dizer nesta oportunidade, com o maior respeito que eu tenho pela população, que a montagem dessas denúncias tem, eu diria, dois grandes objetivos. O primeiro é destruir a cidade, o segundo é destruir aquele ou aqueles que a dirigem. Mas eu estou determinado, eu estou forte, eu estou convicto e eu estou consciente da provocação e desta transição e dessa travessia. E com a graça de Deus hei de atravessar e posso dizer aos amigos desta cidade, que eu amo profundamente, que é a capital do meu País, que é Brasília, eu não vou envergonhar uma criança a um velho desta cidade.

Desejo a todos aqui presentes que encontrem nos debates que tenho a honra de presidir as soluções para os desafios de nossa cidade e nos auxilie a colocá-la no caminho de grandeza e prosperidade a que está destinada, muito obrigada".

## "Faltam definições estratégicas"

"Hoje é um dia de festa para a Brasal. Comemoramos 30 anos do nosso grupo trabalhando e construindo-nos junto com Brasília. E quisemos marcá-la com este seminário e com a divulgação do *Caderno de Ideias*, realizados com o **CORREIO BRAZILIENSE** como a dizer à comunidade que vivemos um momento de reflexão. Estamos no olho do furacão que sacode as estruturas políticas mais caras da Nação: o Congresso Nacional, seus representantes, os partidos políticos, até mesmo uma das centrais de trabalhadores, ora sob o acicate de uma investigação parlamentar. Trata-se de uma hora extremamente delicada da nossa história. Particular. Tão própria, talvez, quanto foram os anos de 1930 e 1964, para não falar do fim do Império em 1889. Algo está realmente para acontecer. Todos sentem, embora não se possa dizer exatamente o que é. Mas há uma nuvem de pressentimentos que indica uma fase de grandes mudanças. Curiosamente, ou talvez até por isto mesmo, ela é coincidente com outras mudanças que ocorrem em nível mundial. A humanidade também vive um instante especial de sua história. Tal como nós, que saímos de um período de intenso crescimento e transformação que medearam os anos do pós-guerra até a década passada, o resto do mundo também vive um mundo holywoodiano nestes anos. É verdade que sempre premido por duas tensões básicas: a guerra fria e o espectro da fome. Mas quando, precisamente, o salto tecnológico parecia abrir as portas do reino da abundância para toda a humanidade e o desmoronamento do império soviético estimulava prognósticos de uma inédita pacificação dos espíritos, o que assistimos? Novas tensões econômicas, sociais e políticas inusitadas.

As diferenças, por exemplo, entre o norte desenvolvido e o sul atrasado e faminto se agudizam, desfazendo expectativas de um melhor rateio do progresso mundial a escala internacional e levando mais de 70 milhões de migrantes dos países pobres a pressionarem as economias centrais em busca da sobrevivência. Já se fala em sul-africanização da Europa unificada. Enquanto isto, tanto ali como nos Estados Unidos, emerge a exclusão social, a discriminação étnica e a violência social de grupos fascistas reorganizados, porque aí também recrudescem o desemprego tecnológico destruindo as bases do pacto de bem-estar vigente desde o pós-guerra, sob o espectro da degradação ambiental e social. Já não temos, pois, apenas, um grave problema de desníveis de desenvolvimento entre os dois hemisférios, com uma vaga esperança de recuperação com base na ação de agentes transnacionais de desenvolvimento. Mas restrições óbvias para a manutenção dos níveis de consumo, num modelo linear de desenvolvimento dissociado da metáfora biológica da vida. Restrições ao pleno emprego da força de trabalho nos países centrais.

Assistimos, pois, perplexos, a um momento de grandes desafios que colocam em xeque o modelo de organização da civilização ocidental e a própria sobrevivência da vida no planeta.

A lógica de empresa, que é a única disponível para satisfazer as necessidades econômicas do homem em sociedades complexas continua funcionando. Produzindo e internalizando patamares superiores de produtividade e rendimentos, cultura participativa nas gestões dos negócios e espaços de realização humana, enquanto os estados debatam-se na revisão de



Osório Adriano

formas públicas capazes de compatibilizar estes resultados com a eficácia social. Aparentemente, estamos livres da catástrofe nuclear.

O modelo bipolar que atravessou o século XX terminou dando lugar a um mundo multipolarizado e extremamente complexo. Mas uma nova inquietação emerge das cinzas de grandes impérios: o nacionalismo que motiva as guerras localizadas na busca da autodeterminação capaz de redefinir novos espaços de negociação para seus projetos de desenvolvimento. O fim dos impérios coloniais selou uma paz forçada na Ásia e na África debaixo do princípio da intangibilidade das fronteiras. A geografia das colônias desenhadas as fronteiras das novas nações. Mas agora assistimos ao fim do império socialista e seu bloco de influências. Qual o princípio que regerá sua reorganização com um mínimo de garantias à paz mundial? O das nacionalidades, tal como está ocorrendo na ex-URSS e na ex-Iugoslávia? Mas isto implica no risco da disseminação desta regra no mundo inteiro, sobretudo, se fermentado pelo modismo dos direitos dos povos...

O Brasil continua surdo e indiferente a estas questões. Até quando?

Espero não estar falando a paredes surdas. Mas a consciências abertas. Estamos neste mesmo barco em pleno dilúvio de preocupações com o futuro. Calcula-se que milhões de brasileiros já migraram para o exterior, vítimas da nossa incapacidade de infundir-lhes esperanças de uma vida condigna no nosso meio. Portanto, tanto estamos aqui, como "lá". Somos parte deste "imbróglio" universal.

Enquanto isto, "eles", o norte, estão aqui. Direta e indiretamente. Projetam sobre seus paradigmas de vida, consumo e qualidade de vida que se imiscuem em nosso cotidiano através da televisão, da legislação social, das restrições ambientais. Detêm o controle da tecnologia, da estrutura industrial mais dinâmica do País, até dos mecanismos de representação sindical e política, que copiam os modelos externos. Tudo parte de um modo singular de organização, representação e expressão do Primeiro Mundo.

Fruto do efeito demonstração e, por certo, da tentativa de internalizar paradigmas universais de progresso material, político e cultural. Mas, por isto mesmo, já não podemos virar provincianamente as costas para o que ocorre lá fora.

Temos, é claro, nossa identidade, nosso mel pot tropical, paródia dos Estados Unidos, nossos problemas, desafios e destinos. Temos, aliás um destino promissor no século XXI. Somos o único país com território continental sem graves questões étnicas,

nacionais e religiosas. Temos 70 por cento das reservas de água potável não poluída do planeta, que nasce aqui ao lado de Brasília, nas Águas Emendadas, e mais de 50 por cento da biodiversidade do Globo, com insolação abundante durante o ano todo e passível de preservação porque localizada em áreas ainda relativamente despovoadas. Temos uma estrutura industrial invejável que detém mais de cem grandes empresas com alto padrão de qualidade informada pela ISO 9000 e capaz de enfrentar a competitividade internacional dos grandes blocos em seus vários ramos. Não temos, pois, apenas o samba exaltado dos morros, mas o produto desta realidade criada pelo desenvolvimento. Temos, enfim, uma fronteira agrícola elástica, a mais vasta e mecanizável do Globo, aqui no cerrado, com elevada capacidade de absorção de tecnologia moderna e de exportação de grãos.

Mas não conseguimos baixar a inflação. Não conseguimos impor a soberania do interesse público sobre os corporativos, nem formular um projeto razoável para a articulação das potencialidades do País. Sequer como fazê-lo à luz dos desafios internacionais.

Continuamos pasmos. E Brasília?

Como uma loquínua cidade do Pacífico. Conforta-se ou desconforta-se com suas mazelas locais. Nem parece a capital de um dos mais importantes países do mundo. Trata, ainda, seus problemas de forma dissociada da questão nacional, sem definições estratégicas para ocupação de espaços na economia nacional, cultuando a acheologia... Belo Horizonte, Curitiba, Campinas, para não dizer seus respectivos estados, são mais cosmopolitas e propósitos do que Brasília. Isto não nos merece. Somos mais jovens. Recém-começamos. Somos bissexto. Singulares. Herança e orgulho do engenho e arte nacionais da década de 50, metassíntese dos anos dourados que mudaram o País. Patrimônio Cultural da Humanidade ainda mal digerido pela comunidade local.

Fomos orgulho. Símbolo positivo. Alegria dos pioneiros.

Mas mastigamos incompreensões. Influências externas nem sempre construtivas. O desgosto com a corte.

Mas estamos amadurecendo e até mesmo criando situações imprevisíveis para os mestres criadores. A cidade teve que alargar-se. Agora pensa sua escala metropolitana e econômica. Faz-se, social e economicamente. E começa a pensar seu destino que não poderá, jamais, dissociar-se de sua condição de capital da República e sede administrativa de uma portentosa economia.

Balzaqueana, germinal. Brasília prepara-se para assumir suas liberdades. Liberdade para pensar, liberdade para agir, liberdade para trabalhar.

Este seminário pretende ser um marco deste processo de emancipação urbana de Brasília.

Queremos situar Brasília, nossa cidade adotiva e mãe natural de quase metade de sua própria prole, no contexto emblemático deste final de século. Desejamo-la como capital do Terceiro Milênio. O destino, se existe, escorrega pela mão dos homens. Queremos ver Brasília no interior das grandes e profundas mudanças que estão ocorrendo na economia mundial e que moldam novas funções para suas grandes cidades.

Por isto vamos trabalhar. Mãos à obra ao destino".